



BRONX, NOVA YORK:

os roma macedônios – escondidos à vista de todos



Discreta mas ardentemente, a ativista dos direitos dos roma Saniye Jasaroski, à direita, trabalha contra os estereótipos negativos. Ela está organizando a Fundação para a Educação e Igualdade dos Roma, ou FREE.

Alexandra Oprea fornece assistência legal para romani americanos. ©Evelyn Hockstein

Passeie pela vizinhança ao norte da Pelham Parkway no Bronx, perto do famoso mercado da Avenida Arthur, e você poderá ser perdoado por pensar que está no meio da Pequena Itália (*Little Italy*), no distrito mais ao norte de Nova York...

...até ver a pequena mesquita e o Centro Islâmico no meio de uma vizinhança dominada por restaurantes italianos. Você ouviu fragmentos de um idioma dos Balcãs emanando de um pequeno bar rua abaixo. E talvez você perceba que topou com um enclave étnico diferente.

É uma comunidade de roma da Macedônia, mas a menos que esteja familiarizado com essa cultura étnica única, você pode não reconhecê-la.

Um grupo unido, com cerca de 350 famílias, os roma do Bronx não são fáceis de serem encontrados – e eles preferem que seja assim. Eles têm orgulho de sua cultura e tradições, mas ainda temem enfrentar a discriminação e os estereótipos críticos que muitos sofreram antes de vir para os Estados Unidos. Muitos imaginam que eles são italianos ou gregos e alguns roma deixam que esse equívoco permaneça, preocupados em se proteger contra concepções negativas a respeito dos “ciganos”, uma denominação que os roma não apreciam.

“Aqui você pode ficar sob o radar”, disse Saniye Jasaroski, uma ativista dos direitos dos roma. Saniye ajuda a manter a comunidade conectada, organizando



celebrações culturais para o Dia Internacional dos Roma (8 de abril) e pelo site da comunidade, Romano Ternipe.

Apesar de os moradores romani dizerem que sentem que têm muito mais oportunidades – especialmente para seus filhos – nos Estados Unidos, eles ainda lutam contra conceitos



Shazije Jasaroska diz que as mulheres romani se socializam nas casas umas das outras e compartilham alimentos, especialmente um tradicional cozido romani, como um gesto automático de hospitalidade. ©Evelyn Hockstein

equivocados, que descrevem os roma como ignorantes e desocupados. Até mesmo os estereótipos mais benignos – aqueles que envolvem uma mulher sorridente, com roupas coloridas, que lê a sorte para ganhar a vida – não define nem de perto essa comunidade dos roma no Bronx, dizem os moradores. Eles vieram para os Estados Unidos, acima de tudo, em busca de objetivos econômicos e de educação, que acreditavam não estar disponíveis para eles na Europa.

**Mantemos essa proximidade
(...) não queremos perder
nosso senso de comunidade.
– Sadet Jasaroksa**

Definidos por crenças negativas

O povo roma originou-se na Índia, emigrando para a Europa mil anos atrás. Os antigos europeus presumiram que eles eram turcos ou núbios, egípcios ou *gitanos*, dando origem ao nome “cigano”, de acordo com um registro histórico de Ian Hancock, especialista nos roma, da Universidade do Texas, em Austin. Os roma se dispersaram pela Europa, onde encontraram frequentemente discriminação e até mesmo, violência.

Muitos se mudaram para o Canadá ou para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor. Mas as comunidades individuais dos roma, apesar de unidas por uma luta e cultura comuns, são muito diferentes, disse Saniye. Por exemplo, a comunidade macedônia no Bronx é muçulmana, mas outros roma são cristãos – e alguns roma estão se tornando pentecostais, disse ela.

Também não se sabe quantos roma vivem nos Estados Unidos. Em 2000, o último ano em que o Bureau do Censo dos EUA conduziu uma pesquisa de formato longo, perguntando para as pessoas sobre suas origens ancestrais, apenas 10.036 pessoas se identificaram como roma. Mas considerando que os roma não têm seu próprio país, alguns podem ter se identificado como húngaros, checos, romenos ou – no caso da comunidade no Bronx – macedônios. O número pode ter sido subavaliado. E as diferentes comunidades dos roma pelo país não se comunicam umas com as outras, necessariamente.

“Você não tem a discriminação estrutural em nível de Estado, que ocorre na Europa, mas você também não tem [nos EUA] o tipo de reconhecimento em nível de Estado, de que você constitui um grupo real”, explicou a professora da Universidade Rutgers, Ethel Brooks, que é de uma família roma. Nos Estados Unidos o “nível de invisibilidade é muito maior e as pessoas podem usar isso a seu favor”, afirmou.

Sustentando sua cultura

No bairro de Mt. Carmel, no Bronx, um enclave de classe média próximo ao Zoológico do Bronx e do popular Jardim Botânico de Nova York, os roma são

Para ajudar a manter a comunidade do Bronx unida, Sadet Jasaroska estabelece um equilíbrio entre a tradição dos roma e a norma social americana ao permitir que sua filha namore – dentro de limites (romani). ©Evelyn Hockstein



Os roma da Macedônia: escondidos à vista de todos



Empregado em tempo integral, estável, proprietário de duas casas e ativo na comunidade como treinador de futebol, Farat Arifov desafia diversos conceitos equivocados que foram superficialmente associados aos roma por meio da palavra “cigano”. ©Evelyn Hockstein

**Esperamos que nossos filhos
continuem com o estilo de
vida que vivemos. [Mas]
educação é o nosso objetivo
principal [para as crianças].**

– Farat Arifov

realmente invisíveis para aqueles que não conhecem seus antecedentes. Eles vivem em casas de alvenaria bem conservadas, juntamente com famílias não roma. Não há restaurantes ou negócios especiais roma (de fato, a “Cafeteria Roma” da área é um restaurante italiano). Mas eles são fieis às suas tradições: famílias unidas, casamentos dentro da comunidade roma e um forte compromisso de visitar e ajudar outras comunidades roma.

“Mantemos essa proximidade”, disse Sadet Jasaroska, irmã de Saniye, sentada à uma mesa coberta de alimentos para os visitantes na casa da irmã. Tal hospitalidade é um gesto automático, comum entre o povo dos Bálcãs. Apesar de os roma não gostarem sempre de revelar sua etnia, “não queremos perder nosso senso de comunidade”, disse ela.

Isso significa manter as tradições sociais dos roma. Sadet Jasaroska conheceu seu marido apenas três dias antes do casamento, na Macedônia. Ela diz que permite que sua filha namore, “mas há um limite”.

“Ela só pode namorar com certas pessoas”, ela disse, referindo-se a manter os roma unidos.

Após o treino de futebol, os primos roma macedônios Mohammed, Arifov, 12, Aydin Osmanov, 14, e Azis Neziroski, 13, exibem a bandeira romani em um parque perto de suas casas no Bronx. ©Evelyn Hockstein



Shazije Jasaroska, outra irmã, disse que as mulheres tendem a se socializar nas casas dos roma, enquanto os homens participam de “clubes sociais” populares comunitários. Os casamentos não são diferentes das celebrações nupciais americanas, completos com damas de honra e uma canção, “*O Borije*” (“Oh, Noiva”).

Os roma têm sua própria bandeira, criada no Primeiro Congresso Mundial Romani em Londres em 1971, que apresenta um “chacra” estilo indiano, ou um símbolo do espírito, no centro. A bandeira é incomum porque ela não reflete um país, mas uma cultura, cujos membros se dispersaram por muitos países.

Eles também mantêm o “Kris” romani. Uma corte cultural, que não toma o lugar do sistema judicial americano, mas serve como uma maneira menos formal de consultar os anciãos dos roma para resolver desavenças entre famílias.

Únicos, mas não incomuns

De muitas maneiras, os roma são como qualquer outro grupo de imigrantes nos Estados Unidos: anseiam por manter suas tradições culturais, mas querem igualmente abraçar os valores americanos e as oportunidades que têm aqui. Eles ficam profundamente aborrecidos com as descrições pouco lisonjeiras do povo romani em reality shows na TV como *My Big Fat Gypsy Wedding* e *Gypsy Sisters*. Na verdade, os roma do Bronx são agressivamente determinados em contratar os estereótipos negativos que recaem sobre o seu povo.

Todos os roma vivem mudando de emprego e morando em casas temporárias? Dificilmente. Farat Arifov, o marido de Shazije, é um eletricitista que treina o time adolescente de futebol dos meninos romani. Ele possui não uma, mas duas casas – uma das quais ele aluga. E quanto à ideia de que os roma não querem educar seus filhos? As famílias aqui colocam grande importância na educação, observando que as meninas estão especialmente envolvidas nos estudos.

“Esperamos que nossos filhos continuem com o nosso estilo de vida”, disse Arifov. Mas “educação é o nosso objetivo principal” para as crianças, ele disse.

Enquanto isso, os líderes dos roma lutam para educar o público a respeito da sua cultura e para defender outros roma que enfrentam discriminação. Alexandra Oprea, 32, acredita que pode ser o primeiro membro de sua



O Centro Islâmico do Bronx, onde membros da comunidade dos roma prestam culto, ocupa uma esquina na Little Italy. ©Evelyn Hockstein

comunidade (uma comunidade de roma da Romênia no Brooklyn e Queens) a se formar em Direito. Ela fornece assistência legal a outros roma.

Petra Gelbart, formada em Harvard e principal coordenadora da Iniciativa para Música Romani na Universidade de Nova York, é uma ativista romani e um exemplo vivo do valor que os imigrantes romani atribuem à educação. E Saniye Jasaroski está organizando um novo grupo de direitos dos roma, a Fundação para a Educação e Igualdade dos Roma, ou Free (sigla em inglês). Um termo adequado, ela disse, para a comunidade encontrar seu caminho, como uma cultura orgulhosa, nos bairros americanos.

Susan Milligan, uma escritora freelance e professora adjunta de jornalismo da Universidade de Boston, baseada em Washington, contribuiu para este artigo.